

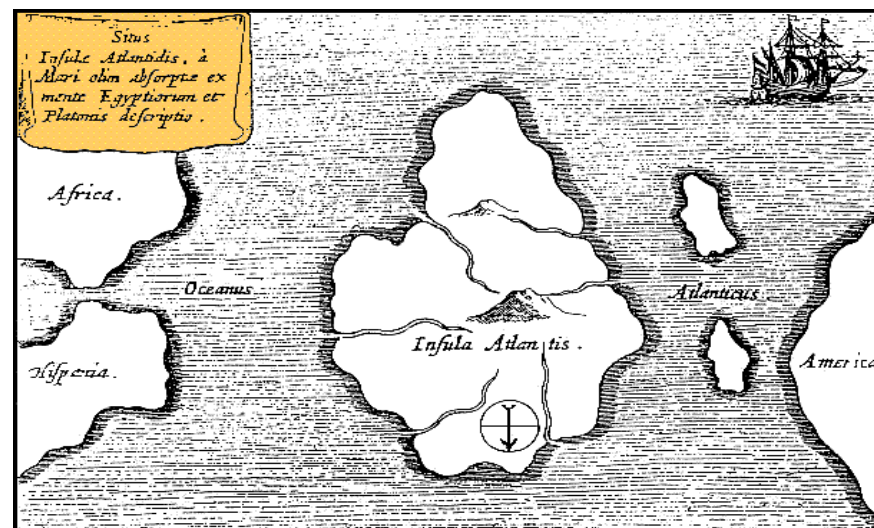
CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

**REVISTA DE ESTUDOS
LUSÓFONOS,
LÍNGUA E LITERATURA,
DOS COLÓQUIOS DA
LUSOFONIA**

CADERNO Nº 12 Edição setembro 2011

DEDICADO A EDUÍNO DE JESUS

CONVENÇÃO: O ACORDO ORTOGRÁFICO 1990 REGE OS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA PARA TODOS OS TEXTOS ESCRITOS APÓS 1911 (DATA DO 1º ACORDO ORTOGRÁFICO)



CADERNO Nº 12 Edição setembro 2011

DEDICADO A EDUÍNO DE JESUS

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL/Colóquios da Lusofonia (Chrys Chrystello EDITOU ESTE NÚMERO QUE
FOI REVISTO E CORRIGIDO PELO AUTOR)

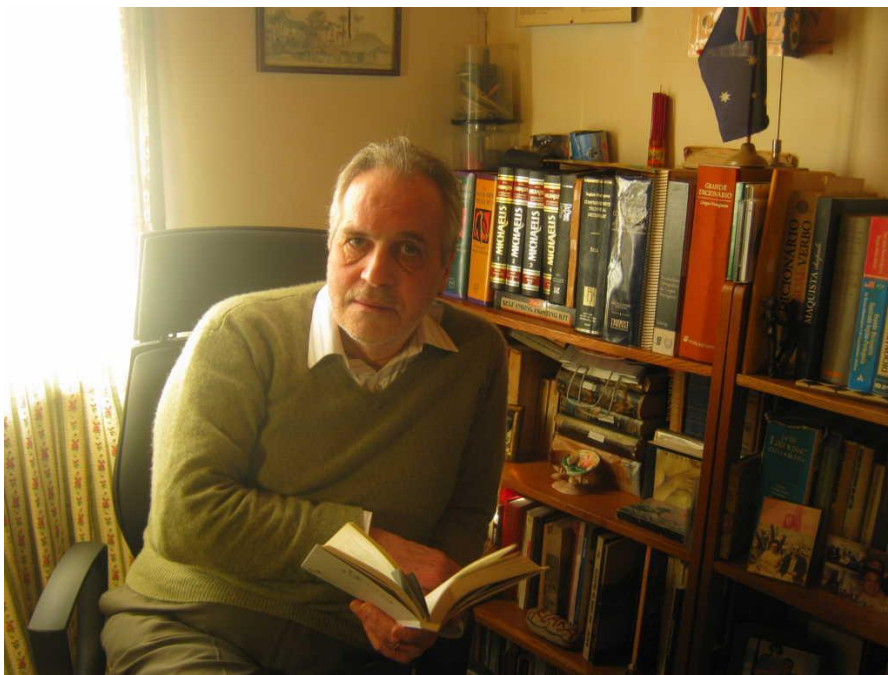
Coordenação Chrys e Helena Chrystello



Editado por

**COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS
DA LUSOFONIA - **revisto janeiro de 22****

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

Em janeiro 2010, brotaram estes despretensiosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino “**9 ilhas, 9 escritoras**”. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana «*enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência*”.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...“*assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental*”.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, “*a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem*”.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

² adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

- Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

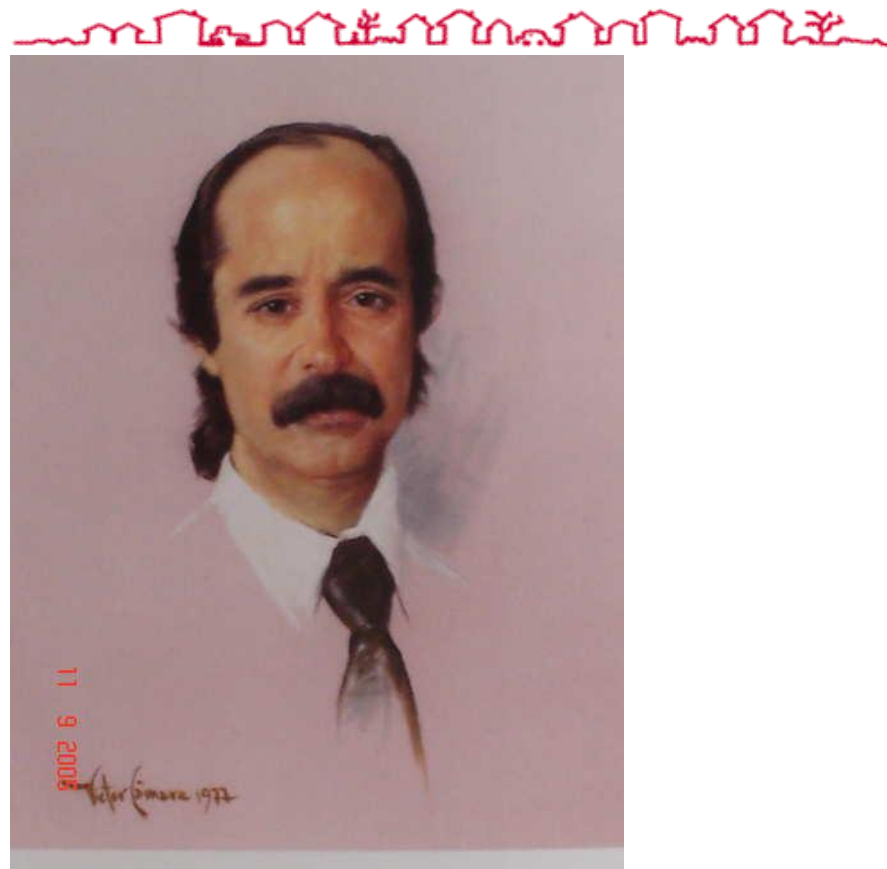
- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “CHRÓNICAÇORES (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

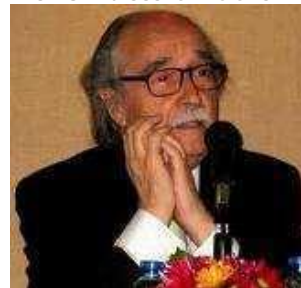
Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Nestes Cadernos já foram publicados autores contemporâneos que estiveram presentes nos colóquios: **Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Caetano Valadão Serpa e Eduardo Bettencourt Pinto** além de outros nomes incontornáveis como **Álamo de Oliveira, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Eduardo Bettencourt Pinto e Urbano Bettencourt**. **Hoje é a vez de EDUÍNO DE JESUS.**



EDUÍNO DE JESUS POR VICTOR CÂMARA 1977



EDUÍNO (MONIZ) DE JESUS

EDUÍNO (Moniz) DE JESUS nasceu na Ilha de S. Miguel, freguesia de Arrifes, concelho de Ponta Delgada. Nesta cidade viveu desde um ano de idade e aí completou os seus estudos secundários (Cursos Geral dos Liceus e Complementar de Letras) e o Curso do Magistério Primário. Em 1951 ingressou como aluno voluntário na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde frequentou o Curso de Ciências Pedagógicas, e de 1953 em diante (até 1959) o de Filologia Românica, que só veio a completar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, licenciando-se com dissertação em Linguística e Literatura. Frequentou depois em França, na Academia de Bordéus, um Curso de Comunicação.

Aos vinte anos ingressou na carreira docente, que seguiu durante mais de meio século (1948-2000), começando por exercer o ensino primário em Ponta Delgada e nos arredores de Coimbra (Lorvão), depois os Ensinos Técnico e Liceal (privado) em Lisboa e por fim o Ensino Superior, também nesta cidade. No Ensino Técnico foi professor, primeiro, de Língua e História Pátria e depois, quando o Francês foi introduzido no Ensino Técnico Elementar, passou a lecionar Português e Francês, disciplinas de que também foi professor em colégios privados.

Na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova de Lisboa lecionou Teoria da Literatura apenas no ano letivo de 1979-80 e na Faculdade de Letras da Universidade (Clássica) de Lisboa, durante mais de vinte anos, até ao ano 2000, História da Literatura Portuguesa e outros Cursos de Língua e Cultura Portuguesa para estudantes estrangeiros.

Desempenhou, além da docência, diversos cargos, entre os quais o de subdiretor de uma escola técnica (Nuno Gonçalves) e diretor de outra (Cesário Verde). Além disso, pertenceu em 1977-78 à comissão que fez a reforma dos programas do antigo ciclo preparatório (na parte relativa ao ensino do Português) e foi, no antigo Ministério da Educação e das Universidades, membro do Conselho Orientador da Profissionalização em Exercício (1980-86), que procedeu à reforma dos estágios para professores daquele antigo ciclo de estudos e à preparação dos novos formadores.

Paralelamente dedicou-se à Literatura desde a adolescência. Tem vasta obra dispersa em jornais e revistas desde 1946 (poesia, conto, teoria e crítica de literatura, teatro e artes plásticas, ensaio, polémica), e alguma publicada em livro (poesia, teatro, ensaio).

PUBLICOU AS SEGUINTE OBRAS:

1. (1948). "Breves reflexões sobre Antero de Quental e Baudelaire". *Correio dos Açores*. Ponta Delgada 11 setº: 2
2. (1948). "O que se deve entender por literatura açoriana". *Atlântida* vol. 1 nº 4 Angra IAC: 201-205
3. (1948). "Apontamento à margem de *Mau tempo no Canal*", *Diário dos Açores* 15/4/1948 Ponta Delgada,
4. (1952). *Caminho para o desconhecido*. Coimbra. Tipografia Casa Miner-va
5. (1953). "Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à atualidade". *Estrada Larga* nº 3. Porto Ed.
6. (1953). "Breve notícia sobre Fernando de Lima" in *Página Açoriana* nº 2. *Revista d'aquém e d'além mar* ano 3 nº 32.
7. (1955). *O Rei Lua*. Poesia. Coimbra, Oficinas Gráficas da Coimbra Ed.,
8. (1956). "Notícia crítica e autobiográfica de Armando Côrtes-Rodrigues" in *Antologia de poemas de Armando Côrtes-Rodrigues*. Coimbra. *Atlântida* col. Arquipélago
9. (1956) in Virgílio de Oliveira: *Rosas que vão abrindo*. Coimbra, col. Arquipélago
10. (1957). *A Cidade destruída durante o eclipse*. Poesia. Coimbra Ed.
11. (1957). "Para uma teoria de literatura açoriana". *Atlântida* 1. 4: Angra IAC: 201-205.
12. (1957). "Ensaio" in Madalena M Férrin: *Poemas*. Coimbra col. Arquipélago.
13. (1959). "Cinco minutos e o destino". Teatro. Comédia em 1 ato. Ponta Delgada, *Separata de Açória* nº 2.
14. (1959) in Maria Alberta Menéres, E. M. de Mello e Castro: *Antologia da novíssima poesia portuguesa*. Lisboa, Moraes Ed.
15. (1960). "Crítica a *O Verbo e a morte*" in *Rumo* ano 3 nº 36. Fevº. Lisboa

16. (1960). “Estudo crítico à *Obra poética* de António Moreno”, Coimbra ed. *Atlântida* col. *Arquipélago*.
17. (1960) “Interpretação de um movimento poético açoriano” *Atlântida* vol. 4 nº 2. mar abril. Angra
18. (1961) in Maria Alberta Menéres, E. M. de Mello e Castro: *Antologia da novíssima poesia portuguesa*. Lisboa, Ed. Moraes, 2ª ed.
19. (1969) in António Salvado: *A Paixão de Cristo na poesia portuguesa*. Lisboa. Polis
20. (1971) in António Manuel Couto Viana: *Pátria Exausta*. Lisboa. Ed. Verbo. (tem outras eds.);
21. (1971). in Natércia Freire: *Os intrusos*. Lisboa. Sociedade de Expansão Cultural (tem outras eds.);
22. (1973) in Orlando Neves e Serafim Ferreira: *800 Anos de poesia portuguesa*. Lisboa. Círculo de Leitores.
23. (1977) in Pedro da Silveira: *Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975*. Lisboa. Livraria Clássica ed.
24. (1978). “A crisálida do “bicho harmonioso” ou Vitorino Nemésio avant la lettre” in *Açores* 30 abr. Ponta Delgada,
25. (1978). “Recensão” crítica a *Antologia de poesia açoriana do séc. XVIII a 1975 de Pedro da Silveira*”. *Revista Colóquio-Letras* nº 42: 85-87
26. Jesus. Eduíno de (1978), in Costa Barreto (dir.). *Estrada Larga*. 3 vols. Porto. Porto Ed., [s.l.];
27. (1979) in Ruy Galvão de Carvalho: *Antologia Poética dos Açores*. 2 vols. Angra. col. Gaivota 80
28. (1983) in *Diário de Notícias* 16 jun
29. (1983) in Onésimo Teotónio Almeida (org.): *A Questão da Literatura Açoriana*. Angra. SREC;
30. (1983) in Onésimo T. Almeida: *The sea within. A selection of Azorean Poems*, trad. de George Monteiro. Providence;
31. (1985) in Maria de Lourdes Horta: *Poetas portugueses contemporâneos*. Recife (Brasil);
32. (1989) Seleção e prefácio: *Antologia de poemas de Armando Côrtes-Rodrigues*. Ponta Delgada, ICPD
33. (1994) in Álamo Oliveira, Ana Maria Bruno, Mariana Mesquita e Susana Rocha: *Pai, a sua bênção! Antologia de textos de autores açorianos*. Angra. SREC, Ed. comemorativa do Ano Internacional da Família;
34. (1996) in *Nove Rumores do mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, org., Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas. Seixo Publishers, Canadá;
35. (1997), in António Manuel Couto Viana: *Teatro Infantil e Juvenil*. Lisboa. Ed. Nova Arrancada.
36. (1998) in António M. Machado Pires, José Martins Garcia, Margarida Maia Gouveia e Urbano Bettencourt (coord.): *Vitorino Nemésio, vinte anos depois*. Lisboa e Ponta Delgada, ed. Cosmos.
37. (1999) in Eduardo Bettencourt Pinto: *Os nove rumores do mar*, 2ª ed. (aumentada). Lisboa, Instituto Camões
38. (2000) in Eduardo Bettencourt Pinto: *Os nove rumores do mar*. 3ª ed. (corrigida). Lisboa, Instituto Camões;
39. (2000) in Ivan Strpka e Peter Zsoldos *Zakresťovanie do mapy Azory a ich básnici*. Bratislava, Eslováquia, ed. Kalligram.
40. (2001) in António Manuel Couto Viana: *12 Poetas Açorianos*. Lisboa. Salamandra.
41. (2001) in valter hugo mãe: *O Futuro em Anos Luz. 100 Anos. 100 Poetas. 100 Poemas*. Porto. Ed. Quási.
42. (1999). “Dias de Melo: génese do escritor” *Atlântida*. Angra IAC vol. 47: 247-252
43. Jesus. Eduíno de (2003), in Adozinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira: *Encantada Coimbra*. Lisboa. ed. D. Quixote.
44. (2003) in António Manuel Machado Pires: *20 Poemas* vol. integrado no *álbum XX3x20 in 20 Pinturas | 20 Melodias | 20 Poemas*. Angra. Direção Regional da Cultura.
45. (2003) in Diniz Borges: *On a leaf of blue, Bilingual Anthology of Azorean Contemporary Poetry*. Berkeley Institute of Governmental Studies Press. University of California.
46. (2004) in Diniz Borges: *Nem sempre a saudade chora*. Horta. Direção Regional das Comunidades.
47. (2005). *Os silos do silêncio*, poesia 1948-2004. Lisboa. IN-CM
48. (2005) in Lauro Junkes, Osmar Pisani e Urbano Bettencourt: *Caminhos do mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense*. Blumenau. Santa Catarina (Brasil).
49. (2006) in Maria Aurora Carvalho Homem, Urbano Bettencourt (sel.), Diana Pimentel (org.): *Pontos Luminosos: Açores e Madeira. Antologia de Poesia do séc. XX*. Porto. Ed. Campo das Letras.

50. (2007) in António Soares e Paulo Bacedônio: *Poetas açorianos e gaúchos*. Porto Alegre (Brasil).
51. (2007) in *Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry*. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island
52. [s.d.; s.i.]. “Breve notícia histórica da poesia açoriana de 1915 à atualidade” in *Estrada Larga* vol. 3. Porto Ed.
53. (2009) in Leons Bredis e Urbano Bettencourt: *Azoru Salu. Dzejas Antologija*. Riga (Letónia). Ed. Minerva.
54. (2009) in Mário Mesquita (org.) *A oposição ao Salazarismo em S. Miguel e em outras ilhas açorianas 1950-74*. Lisboa. Tinta-da-China
55. (2009) in Inês Ramos: *Os dias do amor. Um poema por cada dia do ano*. Viseu. Ed. Ministério dos Livros.
56. (2009) in Amadeu Baptista: *Divina Música. Antologia de Poesia sobre Música*. Viseu. Tipografia Guerra.
57. (2011) in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
58. (2012). “Poetas açorianos no “sismo” modernista e suas réplicas”. 17º *Colóquio da Lusofonia*. Lagoa. Açores
59. (2012) in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
60. (2017). “Antero e o divino paradoxo”. 26º *Colóquio da Lusofonia*. Lomba da Maia. Açores
61. (2017). “Antero e o divino paradoxo” in *Antero, 125 depois*, AICL, Associação de antigos alunos do Liceu Antero de Quental

Atualização da bibliografia em

<https://www.lusofonias.net/5-bga-bibliografia-g-a%C3%A7orianidade.html>

Produziu e dirigiu para a RTP um “magazine” literário quinzenal durante cinco anos: Convergência (1969-1972), depois reformulado e chamado Livros & Autores (1972-1974).

Colaborou na Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura ‘Verbo’, 22 vols; de cujo conselho de Diretores fez parte, tendo inventariado as entradas respeitantes à secção de teatro e redigido a quase totalidade dos respetivos verbetes (mais de 1 milhar), e na enciclopédia de literatura Biblos da mesma Editorial Verbo, 5 vols.; e foi igualmente colaborador do Dicionário Cronológico de Autores Portugueses do Instituto Português do Livro e da Leitura, 5 vols., Lisboa, Publicações Europa-América, 1985-2000.

Foi editor e pertenceu ao conselho de direção da revista de artes e letras Contra-vento, Lisboa, ed. Contravento, 4 fasc., 1968-1971, e dirigiu a Revista de Cultura Açoriana, Lisboa, ed. Casa dos Açores de Lisboa, 3 vols., 1989-1991.

Também se dedicou ao teatro (teoria, história e crítica) e às artes plásticas (teoria e crítica). Assim:

- Além da colaboração na citada Enciclopédia de Cultura ‘Verbo’, que também codirigiu, exerceu crítica de teatro na revista Rumo (Lisboa), de 1960 a 1967, fez parte, durante vários anos, dos júris dos Prémios Nacionais de Teatro e pertenceu a um efémero conselho de leitura dos Teatros Nacionais de D. Maria II, de Lisboa, e S. João, do Porto, com a escritora Agustina Bessa-Luís e a atriz Glória de Matos.

- Sobre artes plásticas, escreveu principalmente na revista Panorama (de Lisboa) e prefaciou álbuns de pintura e catálogos de exposições, entre os quais o da representação Portuguesa na VI Bienal de Paris (1969). Além disso, fez parte de vários júris de Salões de Arte e foi cofundador do Salão Nacional de Arte que substituiu o anterior, e já histórico, Salão dos Novíssimos. Em 1969 representou Portugal no Júri Internacional da X Bienal de S. Paulo, Brasil.

Tem feito conferências e participado em Congressos e Colóquios literários em diversas universidades e outras instituições de cultura em Portugal (incluindo os Açores), nos Estados Unidos, no Canadá e no Brasil.



1. METAMORFOSE

esperei que nascesses
na praça pública
da garganta do pássaro
que cantasse no ramo de uma árvore
ou no ombro de uma estátua

esperei que florisses
na roseira do Parque Municipal
e o teu corpo branco
não fosse mais
do que um sonho vegetal

esperei que descesses
num raio de lua
e viesses
bailando em pontas (como uma sílfide nua)
deitar-te na minha cama

Na minha fantasia
de menino púbere
esperei que fosses uma melodia
uma flor
um raio de lua

Esperei por ti todos os minutos
do dia e da noite com
os nervos a alma ansiosa
afagando-te nas pétalas das rosas
ou mordendo-te na polpa dos frutos

in Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 50-51.

2. DIÁLOGO A UMA VOZ

1

A palavra
que me davas

em silêncio

a envolvias.

E eu desem-

brilhava

o Teu silên-

cio

e via

(ou-

via!)

que dentro

do Teu silêncio

só silêncio

ha-

via.

E toda-

via

ha-

via

toda

a sabedoria

do Mundo

nessa

palavra

fechada

vazia

trazida

do Teu

imenso

profundo

silêncio.

2

Quem a desvia

agora com mão

tão

sub-reptícia,

essa

palavra

avessa

confusa

vazia

que me davas?

Quem a envi-

esa

na via

que do Outro Lado

a mim hermética tortuosa

a reconduz?

3

- A

palavra

que eu Te dava

em silêncio

a devolvias...

in Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, pp. 319-322

3. A ÚLTIMA FOLHA

A última folha

do outono, ainda

presa ao ramo que a prendia

à vida,

veio

um vento à toa,

desprende-a.

E aquela folha,

enfim desprendida

do ramo que a prendia

à vida,

agora

que está morta,

voa.

in Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 272



4. *XÁCARA DAS MOÇAS DONZELAS*

A noite é de estrelas
pelo céu brilhando
e as moças donzelas
as moças donzelas
rezando rezando:

Não vem um ladrão
não vem um banqueiro
ou um trovador
ou um cavaleiro

A noite é de estrelas
pelo céu ardendo
e as moças donzelas
as moças donzelas
dizendo dizendo:

Não vem um senhor

de alto coturno
não vem um polícia
ou o guarda noturno

A noite é de estrelas
pelo céu luzindo
e as moças donzelas
as moças donzelas
sorrindo sorrindo:

Não vem um amigo
ou um inimigo
não vem um soldado
não vem um mendigo

A noite é de estrelas
pelo céu redondo

e as moças donzelas
as moças donzelas
supondo supondo:

Não vem um vadio
ou um peregrino
ou um saltimbanco
ou um assassino

A noite é de estrelas
pelo céu profundo
e as moças donzela
as moças donzelas
sozinhas no mundo

in Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, pp. 63-64.



5. PROPOSIÇÃO

Não é de alegria
a mensagem que vos trago. A
penas de mágoa
e desencanto.

E canto,
todavia?

Tal como a ave presa:
porque é assim

a minha natureza:

sabendo, no entanto,

que, ai de mim!

aquilo que construo

solução a solução,

verso a verso,

é tão-só o

impulso

para um qualquer

voo

que, todavia,

nem sequer

começo.

in *Os Silos do Silêncio* (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, pp. 84-85 (1953).



com Assis Brasil

6. *TOADA DO MENINO FEIO*

Menino feio, da rua

(seria eu próprio, seria?),

tinha uns olhos de Lua

onde a Lua se acendia.

Menino de olhos de Lua,

menino que parecia,

sentado à porta da rua,

que não via nem ouvia.

7. HIPOCONDRIA

Menino que me pasmava

pelo que lhe acontecia:

Enquanto ria, chorava,

e enquanto chorava, ria.

Menino sozinho e feio,

brincando sem alegria,

que estranho mundo era o teu?.

que mistério te envolvia?

Menino feio, de bibe,

menino que fui, um dia...

Não sei agora onde vive...

Sei lá mesmo se vivia!

in Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 94 (1944)

1

Não é não

uma ilusão

da minha hipocondria

(ou seja lá o que for

da minha inquieta

imaginação

doentia

de poeta)

esta sina que a mim

me foi dada

de ir pelo não

semeando amor

e chegar ao sim

não colher nada.

2

Não me resta agora

senão esperar, amor, que venhas, lá de onde

não sei que fadário te esconde

e demora,

semear, por tua

mão, neste árido e agreste descampado do Mundo, em nome

da Vida, a primavera, e acender por demasia, para os

poetas, no

negrume

da noite, a Lua.

in Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, pp. 105-106 (1954)



com Alzira Silva

8. *SIMPLESMENTE*

amar-te sem juras nem promessas

sem noites de vigília

nem esta paixão que me buleversa

os nervos e me ensombra a vida

sem desespero sem romance

como se nada tivesse acontecido

sem as tuas lágrimas sem a minha angústia

plácida simples naturalmente

como florescem as ervas do caminho

in Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 58.



óleo de Artur Bual 1994



9. POEIRA DE ASTROS

depois do sonho e do sonho

e do cansaço e da estrada

quando os olhos já não viam

nem os muros nem a estrada

depois dos beijos e risos
com a ampulheta parada

quando veio súbito o aviso
da noite inesperada

me perdi entre meandros
e rastros de luz inventada

em busca da poeira dos astros
que morrem com a madrugada

in Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, 128 (1952).



10. UM HOMEM VIDA ABAIXO

Se eu tinha coração? De ouro... Ah!, eu conto
Consumiu-o depressa a labareda,
e agora, no lugar dele, uma pedra
que não medra, que não me dói, encontro.

E as coisas por que me prezam:
Peso de nada, cansaço dos dias
inúteis, as mãos vazias?
Quanto me pesam, ai! quanto me pesam...

Oh vida minha que passei a vau:
vazia, árida, um rio seco: nem
palmo de água para afogar alguém!

E eu? Um homem vida abaixo, eu, a pau
e corda (aos ombros de quem?)
e de olhos vendados: Nem bom, nem mau.

in Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, 140. (1954)



11. CONQUISTA

Eu sou um homem de aldeia,
cheguei à cidade de botas amarelas.

Fazem lá ideia
do que os homens da cidade riram de mim e delas!

Pois, apesar disso, a cidade, conquistei-a!

Hoje, sou o dono de um parque onde há um banco e aí durmo e
sonho.

Tenho uma mansão em Newport, na Nova Inglaterra, e um yacht
ancorado em Saint Tropez, e amanhã mesmo vou montar um negócio de

baleias em Liverpool.

Ah, e digam lá vocês agora que eu sou um homem de aldeia!

Sou, isso sim, um armador grego, controlo a maioria dos casinos
de Las Vegas, tenho 5% nos negócios de petróleo da Pérsia e já comprei (meu
sonho antigo!) o aeroporto de Santa Maria.

Para começar, hoje em dia,
já é um pé de meia.

(Só tenho medo que um dia
o inspetor dos bancos dos jardins públicos
descubra
e me venha comunicar
que o meu banco ali debaixo do plátano à beira do tanque onde
nadam os pequenos peixes vermelhos que me vêm comer à mão
pertence à Câmara Municipal).

in Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da
Moeda, 2005, pp. 156-157



nada há a esperar

das perguntas

que Te faço.

Não responder é a Tua sabedoria;

Perguntar, a minha cegueira.

Cada um entende a mesma luz do dia

à sua maneira.

in *Os Silos do Silêncio* (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 179.

12. INTROITO

Pergunto...

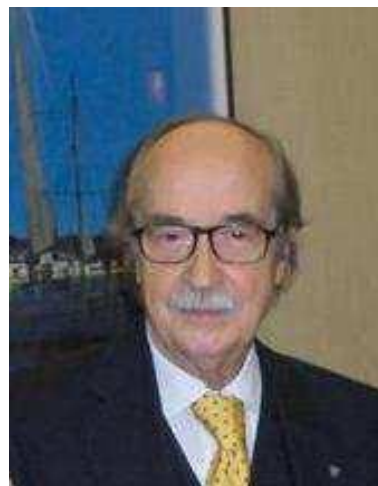
Eis o que faço.

Mas não conto

que respondas.

Tal é o meu embaraço:

Que, no fim de contas,



13. AS PALAVRAS

As palavras meu Deus como são
imprecisas volúveis. No entanto
elas só (enquanto os homens passam)
guardam para sempre o sinal do tempo

Delas nascem depois os avisos
as borboletas do ar as larvas da terra
elas próprias escavam os abismos
abrem as asas / e o voo (elas só afinal) desferem

Imprecisas? volúveis? mas inamovíveis
elas lá ficam na página branca
à espera de um Levanta-te e caminha
de qualquer voz humana

in Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 229



com Fernando Aires

14. TANTA, TANTA COISA

tantas noites tantos invernos
tantas fomes e desejos
meu Deus! Tanto lenocínio e sodomia e traição
tanto grito tanta raiva tanto sono perdido
tanta tanta solidão

e tanto crime por nada tanto amor em vão
e tantos os que se esqueceram
mais os que desesperam

e os que estão

à espera quietos na sua solidão

e os que andam a ver navios ou vão

à praia esperar por D. Sebastião

(quer Ele venha ou não)

oh! tantas tantas noites

(tantas) de solidão

in Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, p. 268.



15. A ESTRADA

Dizem os velhos que esta estrada,

seja curta ou comprida,

que só se chega ao outro lado

gastando a vida

e que depois do outro lado não há mais nada

Todavia, os jovens lá vão, em festa,

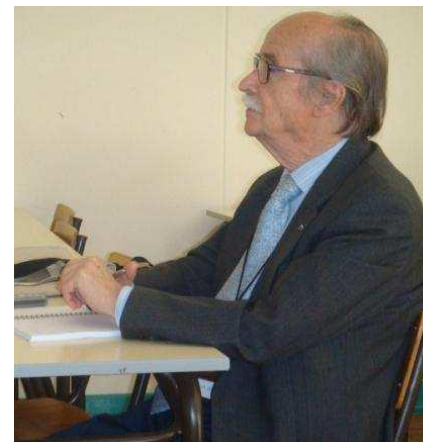
de braço dado

e aos beijos pelas sombras, às risadas,

pensando que, depois desta,

ainda há outras estradas.

in Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, 326 (1948)



16. A MENSAGEM DO POETA

Na margem
do grande estuário do rio
que anuncia o
fim da viagem

cresce

(ainda) a árvore meta-
física em cujos ramos a Mensagem
do poeta

floresce

In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.



10 de junho de 2009, ao ser agraciado pela Câmara Municipal de Ponta Delgada com a Medalha de Ouro do Município.

17. COM AS MÃOS

Com as mãos

construo

a saudade do teu corpo

onde havia

uma porta,

um jardim suspenso,

um rio,

um cavalo espantado à desfilada.

Com as mãos

descrevo o limiar,

os aromas subtis,

os largos estuários,

as crinas ardentes

fustigando-me o rosto,

a vertigem do apelo noturno,

o susto.

Com as mãos procuro

(ainda) colher o tempo

de cada movimento

do teu corpo em seu voo.

E por fim destruo

todos os vestígios (com as mãos)

:

Brusca-

mente.

In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

18. CHIARO-OSCURO

1.

como se

de súbito

se acendesse

na noite

compacta

absoluta

o teu sorriso

2.

ou :

um Anjo sus-

pendesse

o voo e

ficasse

parado no ar

perplexo

(como num ex-

voto) a

decifrar

nota a nota

sílaba a sílaba

cada

lágrima ardente

na maciez

do liso frio már-

more

do teu rosto

(INÉDITO)

19. ORIGEM

Lá, onde o grande estuário
do rio da vida
pressagia a infinita
morte oceânica,

Cresce
a árvores marginal
em cujos ramos o canto
dos poetas floresce.

In
<http://www.circuloarturbual.com/literatura/eduinodejesus/tabid/170/language/pt-pt/default.aspx>

AS DUAS MORTES DE SIBYLLA VAN HASSELT

1

Sempre aquele velho jarro de Limoges ali estivera, ninguém parecia importar-se com ele, e todavia alguma vez ele havia de entrar na vida daquela casa; foi nessa tarde, quando a pequena Sibylla o tirou de cima do guéridon onde sempre tinha estado e pôs no seu lugar uma arcéola de argila branca que o Stijn lhe tinha dado à saída do colégio. Um dos problemas, agora, era: onde esconder o jarro de Limoges; outro: como havia uma pobre arcéola de argila branca passar despercebida num lugar onde sempre tinha estado um pretensioso jarro de Limoges antigo.

Sibylla andava então pelos doze, treze anos e, embora não soubesse por que motivo, nem para que fim, aquele jarro ali estava tão inutilmente, não ignorava, por outro lado, que as coisas inúteis ocupam lugar tal qual as coisas úteis e, por outro, que tudo o que ocupa lugar faz parte de uma casa quando esse lugar é dentro de uma casa. Assim, o jarro de Limoges, com que até ali nunca ninguém se tinha importado por ser realmente inútil, ameaçou tornar-se de repente muito

importante naquela casa pelo simples facto de o seu lugar ter sido ocupado por uma insignificante arcéola de argila branca.

Quando, muito mais tarde, perguntei a Sibylla que solução tivera esse magno problema da sua infância, ela encolheu os ombros e

– Ora! – disse, rindo – pus outro problema no seu lugar.

E os dois fomos sentar na praça Dam, ao sol – o pouco que ainda restava nesse fim de tarde de outono holandês –, a fumar e a ler Les Vieux Marins, de Verhaeren.

(Lembra-se, Sibylla?).

2

Agora Sibylla encontra-se numa grande sala toda forrada de tapeçarias antigas e velhos espelhos, nua, secando-se de pé diante de um fogão onde crepita uma enorme chama, tão grande que chego a recear alastre às roupas delas atiradas à-toa para cima de uma poltrona muito próxima.

Está dissertando sobre a morte, a comunhão das almas, a solidão de Deus. Tem trinta anos, pouco mais ou menos, dois casamentos, uma primeira tentativa de suicídio aos dezoito anos, outra de vida religiosa aos vinte e oito. Encontra-se na plenitude da sua beleza física.

Ouçó a dissertação um pouco distraidamente, mais atento aos requebros do corpo flexuoso de Sibylla do que ao pedantismo das tiradas filosóficas que ela vai debitando entre pequenos goles de gueuze gelada. No entanto, a sua teoria acerca da imensa, infinita solidão de Deus prende-me a atenção por um momento. É na altura em que ela diz que foi para não estar sozinho na sua infinitude que Deus criou um duplo de si mesmo e lhe deu para habitar (criando-o expressamente) um Universo...

Então, num esconso da sala, provinda de uma aparelhagem eletrónica oculta sob uma colgadura com as armas dos Van Hasselt, uma orquestra começa a descrever o Caos. E de repente, a meio de uma frase, Sibylla suspende a dissertação que está fazendo, inclina-se para o lado – na direção de onde vem a música – e apanha o som com a mão (oh! as expressivas mãos de Sibylla!), e aninha-o entre os seios, embala-o maternalmente, faz-lhe festas, depois eleva-o na ponta dos dedos acima da cabeça e solta-o de novo, seguindo-o no seu voo com o olhar, até que ele se dilui nas cordas da orquestra, atrás da velha colgadura armoriada. E começa a salmodiar qualquer coisa como isto:

Im Anfange schuf Gott Himmel und Erde, und die Erde ohne Forme und leer, etc.,

em voz muito baixa, muito baixa, quase inaudível.

Às vezes parece que não é ela que diz o que está realmente a dizer. Como se as palavras não fossem ditas, mas borbotassem no rasto dos gestos dela; ou, dito de outro modo: como se fossem a espuma do seu próprio sulco no ar.

Em dado momento, porém, alguma coisa se passa que descontrola a harmonia da cena. Ouço a voz longínqua de Sibylla:

... e a Terra era informe

e estava vazia

e as trevas cobriam

a superfície do abismo,

mas as suas palavras já não seguem o rumo dos gestos. Dir-se-ia que pertencem a outro ritual; como se Sibylla estivesse a recitar uma coisa e a representar, por gestos, outra. Ela diz, por exemplo:

Tomada de terror, a turba
dos espíritos infernais
foge para as profundezas
do abismo, p'ra noite eterna,
e agita os braços como se estivesse voando para a luz.

Pobre Stephanie...

(Digo, pobre Sibylla!)

3

Sibylla falava muitas vezes de solidão, da sua solidão. Todavia, sempre a vi rodeada de gente. Aliás, conheci-a numa festa da nossa embaixada na Holanda, com muitas pessoas – homens, principalmente – à sua volta. Estava casada nesse tempo com o Abraham, um negro do Congo, estagiário no Centro de Estudo da Energia Nuclear em Mol, na Bélgica. Tinha (Sibylla) pouco mais de vinte anos e interrompera o curso de Filosofia em Lovaina para se dedicar ao casamento a tempo inteiro.

Passámos a encontrar-nos com muita frequência, umas vezes por acaso e de propósito outras, e em pouco tempo ficámos íntimos. Tão íntimos que foi sobre o meu ombro, num frio dia de dezembro, na Feira dos Namorados em Arlon, que ela, mais tarde, começou a chorar o fracasso do seu primeiro casamento...

Um dia, a meio de uma conversa a propósito da hipócrita solidariedade humana (nessa altura ela estava casada há pouco tempo com o rico empresário Stijn Van de Woestijne, seu amigo de infância), disse que os outros não passavam de uma fábula inventada pelo Homem para compensar a sua solidão.

– De resto – dizia –, basta estender a mão, tentar tocar-lhes, para nos certificarmos de que não estão lá, não existem.

Então eu pensei em Stephanie e disse mentalmente o seu nome. Sibylla terá ouvido o meu pensamento, porque deixou escapar um:

– Ah! essa coitada... !

e logo acrescentou, sem disfarçar uma certa amargura:

– ... foi um doce fantasma que lhe passou à beira, meu caro....

– Ora - repliquei, – você está é a fazer literatura, Sibylla!

E ela:

– Acha que a solidão é uma categoria literária, é isso?

– Não é? – insisti eu. – Um produto do Romantismo, aí está...

– Nada disso. É a própria vida.

– E então o Stijn? Também é um doce fantasma?

– Oh, o Stijn! – exclamou ela, deixando cair o ombros.

– Você não o conhece, meu caro...E depois de alguns segundos:

– Acha mesmo que um sujeito como o Stijn existe? – perguntou, sublinhando existe.

– Mas é o seu marido, caramba! – disse eu, já um pouco irritado.

– Que é que isso quer dizer: ser “o meu marido” ?

– Ora! Quer dizer que vocês comem à mesma mesa, dormem juntos, tocam-se...

– ?

– ... e fazem amor, não fazem?

Então Sibylla não pôde deixar de sorrir. E disse, sentando-se no chão, com as pernas cruzadas:

– Não seja tão convencional, meu caro. Comer, dormir, todas essas coisas, nós as fazemos sozinhos. Irremediavelmente.

– E o amor também? – perguntei então, vitorioso.

E logo ela, displicente:

– O amor também, claro.

4

Sem mais nem menos, vem-me à lembrança Stephanie, a querida Stephanie, a ingénua, a pequenina, a sempre colegial Stephanie Schelmer, abatida a tiro naquele fatídico verão de 1971, em Hamburgo, quando tentava romper com o seu velho BMW uma barreira da polícia.

(Estava a decorrer nessa altura uma aparatosa operação policial contra o bando de Andreas Baader e os agentes haviam-na tomado por Ulrike Meinhof, com quem, de facto, Stephanie se parecia um pouco...).

Na tarde em que a descobri no inquietante De Wallen, exposta numa montra em lingerie preta e de botas altas de cabedal, pareceu-me ver-lhe no olhar cinzento, de míope, uma expressão agressiva, de raiva; mas ela admirou-se, quando lho fiz notar, no dia seguinte, à noite, no restaurante aonde a levei a jantar.

– Raiva? Porque havia eu de sentir raiva?

– Sei lá! - disse eu – Pois não sentias mesmo...?

– Não, não sentia mesmo. Raiva de quê?

– De estares ali assim, à espera...

– ... de ser escolhida por um passante qualquer... como o senhor, por exemplo? Só por isso?

– Sim! só por isso. Não achas bastante?

Ela não respondeu. (Acho que encolheu ligeiramente os ombros).

– Exposta daquela maneira... como se fosses uma mercadoria! – dizia eu, de repente moralista. - Francamente!

Ela tinha agora os olhos baixos, com que seguia distraidamente o desenho de uma flor que estava desenhando na toalha, com o garfo.

– Bolas! Isso não te perturba nem um bocadinho? – quase gritei, já meio irritado com a sua indiferença.

Foi então que ela sorriu aquele sorriso doce e ao mesmo tempo triste que era seu costume, e disse:

– Vocês os ricos são muito sensíveis...!

O criado, nessa altura, começou a servir-nos as ostras de Ostende que eu tinha encomendado. E Stephanie não quis que falássemos mais do seu trabalho em De Wallen.

5

Naquela noite, na velha e luxuosa casa de Sibylla, em Hasselt, Stephanie tinha posto no gira-discos os Grand Funk Railroad muito alto

(– Que chatice! – dissera Stijn, o marido de Sibylla. – Agora vamos ter de gramar mais isso? Já não bastava a merda do cheiro da erva?), e as pessoas começaram a falar mais alto para se poderem ouvir umas às outras.

Eu, à minha conta, tivera um dia extenuante, sem ocasião nem tempo para me recompor do acidente. Estava refestelado num maple e o que queria mesmo era dormir.

Só isso: dormir.

Mas a quem pedir, na circunstância, uma cama?

Então o vulto franzino de Stephanie começou a evanescer, a evanescer, ali mesmo à minha frente, com a taça de absinto erguida como quem ia fazer um brinde...

(O sorriso dela foi a última coisa a desaparecer).

6

Entretanto, a voz educada de Sibylla:

– Está cansado, meu caro? – por detrás de mim, ao ouvido. – Não quer estender-se um pouco num sofá, lá em cima? e logo a seguir a própria Sibylla atrás da voz dela, por cima do meu ombro, tirando-me o copo da mão e o cigarro, que apagou no resto de uísque que ainda havia no copo.

– Venha estender-se um pouco lá em cima, venha. Está podre de sono.

Apanhou um copo de gueuze da bandeja de um criado que passava por ali e foi à frente para me indicar o caminho.

Subimos escadas, descemos escadas, passámos quartos, corredores, galerias, abrimos e fechámos portas.

A festa, entretanto – o fumo, o cheiro da erva, o turbilhão sonoro dos Grand Funk Railroad, as pessoas falando e rindo muito alto, – ia ficando para trás, cada vez mais longínqua.

Por fim, entrámos naquela grande sala toda forrada de tapeçarias antigas e de velhos espelhos. Quase às escuras. Havia um grande lustre ao centro, mas estava apagado. E candelabros por aqui e por ali, apagados também. Antigos, de velas.

(Sibylla explicou que só se acendiam uma vez por ano, pelo aniversário da morte de Marat. Nesse dia, era costume Stijn dar uma grande festa só para homens, à luz de velas.

– Não me pergunte porquê pela morte de Marat, ou porquê à luz de velas, porquê só homens. Não sei. Nunca percebi nem me lembrei de perguntar – disse ela).

A única luz agora era a que vinha de um grande fogão de sala, ao fundo, em frente do qual Sibylla começou então a despir-se muito devagar, muito devagar, em silêncio, ritualmente.

(Sem olhar para mim).

7

Corria entre os nossos amigos que eu e Sibylla éramos amantes, mas só fizemos amor nessa ocasião, assim sem mais nem menos, na própria noite do acidente, tal como acabo de contar.

Às vezes eu interrogava-me acerca da espécie de sentimento que nos unia, mas sempre ficava sem resposta.

Nessa noite, depois de fazermos amor pela primeira e única vez, perguntei-lhe a ela, sem rodeios:

– Será que nos amamos, Stephanie?

Ela ficou, de repente, imóvel: Os gestos, o olhar; e a respiração também, pareceu-me. Depois disse:

– O meu nome é Sibylla, já se esqueceu?

Pareceu-me ver uma lágrima descer na sua face, que ela enxugou com as costas de uma das mãos (ainda era visível a cicatriz no pulso); com a outra tomou a minha, que lhe estendi, apertou-a muito, e repetiu a pergunta:

– Já se esqueceu?

E não respondeu ao que eu tinha perguntado, que era:

Se, porventura, nos amávamos...

8

Não me lembro muito bem, mas creio que foi também nessa noite que Sibylla me contou o seu projeto de se fazer freira. Andava então pelos vinte e oito anos. Tinha acabado a Faculdade e o Stijn achava que ela devia tentar a carreira docente. As suas qualificações permitiam-lhe candidatar-se a um lugar na Universidade. Mas ela não queria. Queria era ir para a Itália e ingressar numa ordem missionária qualquer, – dessas que tratam dos leprosos em África, por exemplo – disse.

E eu:

– Um súbito chamamento de Deus, foi isso? – perguntei, meio a sério, meio irónico.

– Não, não. Nada disso – apressou-se ela a esclarecer (titubeando um pouco, todavia). – Nem sequer é uma questão de vocação... nem de amor ao próximo...

Depois insistiu, mudando completamente de tom, com algum enfado:

– Não é nada disso, meu caro. Ora! Você sabe muito bem que nem sequer sou religiosa.

– Então foi porquê, essa decisão? – quis eu saber.

E ela, agora meio absorta:

– Oh, por nada - disse.

E repetiu:

– Mesmo por nada... – depois de um longo, longo silêncio.

9

Agora é difícil recordar a cidade, algures, na Renânia, onde estive com Stephanie pela última vez. Tanto pode ter sido Mulheim como Duisburg ou Oberhausen, não estou certo (passou não sei quanto tempo, meses ou até anos, senão apenas alguns dias ou mesmo só umas horas, não sei). Sei apenas que atravessávamos nessa altura a região industrial do vale do Ruhr, os pulmões de aço da Alemanha. Lembro-me do lago Baldeney, perto de Essen, mas não creio que tenha estado alguma vez nesta cidade. Tirámos fotografias, com velhos castelos ao fundo. Comprámos souvenirs. E Stephanie deu-me uma cigarreira, que conservei.

O resto está no fundo do lago...

Da cidade propriamente não tenho a menor ideia. A não ser da praça... e mesmo da praça – de que me lembro um pouco, sim – só posso garantir o nome: Era a Porscheplatz. Agora se ficava em Essen ou noutra cidade perto ou longe de Essen, não sei. Lembro-me também de que era uma praça relativamente grande e muito movimentada (pelo menos muito movimentada naquele dia e àquela hora, apesar do aguaceiro). Mas não tenho a certeza, isso não, se corresponde mesmo àquela onde estive com Stephanie a meu lado, abrigados sob o pórtico de uma velha igreja protestante, ela com o queixo apoiado no meu ombro (sinto ainda a sua respiração adocicada no pescoço), a última vez na vida.

10

Se olho para trás, vejo-a ainda sob o pórtico dessa velha igreja protestante, entre uma pequena multidão compacta que ali tinha ido refugiar-se, como nós,

quando aquele aguaceiro começou a cair de repente sobre a cidade. Mas às vezes acontece que, ao seu rostinho já meio delido, se sobrepõe no daguerreótipo da memória um outro que eu ao princípio não podia identificar, mas sei agora que era o rosto de Sibylla.

Sim, às vezes olho para trás à procura de Stephanie e encontro no seu lugar, com o anourak de pele de camelo que ela usava nessa tarde em que estivemos juntos pela última vez, o vulto altivo e sempre distante de Sibylla Van Hasselt. Isso não deixa de ser extraordinário, pois sei muito bem que não é na Porscheplatz, sob o pórtico da velha igreja protestante onde deixei por momentos Stephanie naquele dia, que poderei encontrar na realidade Sibylla. De facto, quando hoje sinto uma profunda saudade do corpo visível de Sibylla, viajo até Bruxelas e vou, altas horas – à hora em que está quase deserta –, à Grand-Place.

Sibylla está aí, sob o pórtico do Hotel de Ville, sorrindo enigmaticamente para uma pomba pousada no seu ombro esquerdo.

11

Todavia, foi em Gand, não sei quando (onde ela, se ainda vive, está prisioneira da sua loucura numa casa de saúde ou num reformatório de mulheres, ou deambulando pelas docas, de noite, a recitar Verhaeren), foi em Gand que vi os homens-rãs retirarem do fundo de um canal o seu corpo semiputrefacto e estenderem-no ali mesmo no chão, no meio de alguns populares emocionados e perplexos que se interrogavam uns aos outros com o olhar esgazeado. Eu mesmo, confesso, me senti tomado de igual emoção e perplexidade; mas, quando ela me pediu que a levasse a casa, obedeci como um autómato, abrindo caminho por entre a pequena multidão que se tinha formado à sua volta.

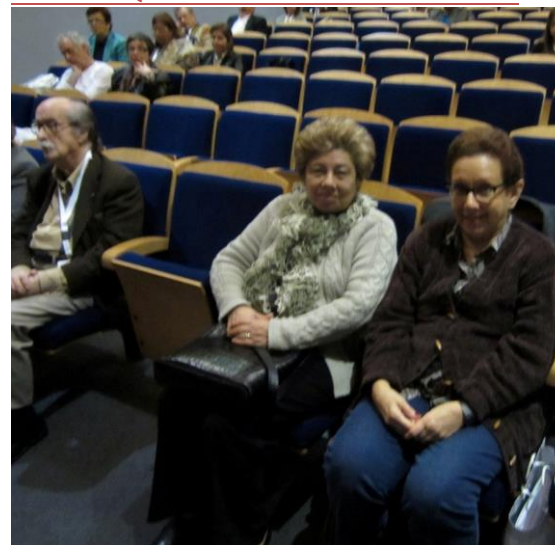
Não fiz perguntas e estou certo de que teria sido inútil querer saber fosse o que fosse em tais circunstâncias. Deixei-me simplesmente conduzir, sem fazer caso das pessoas que nos seguiam em silêncio, pedalando devagar nas suas bicicletas, e que foram rareando à medida que ia anoitecendo, acabando por desaparecerem de todo atrás de portas que se iam fechando umas atrás das outras.

Depois, em casa, vi-a despir-se à minha frente na semiobscuridade de uma enorme sala toda forrada de tapeçarias antigas e velhos espelhos, e secar-se, nua, diante do fogão onde crepitava uma grande chama...

Gand, 1970 / Lisboa, 1997 in Atlântida, Angra do Heroísmo, ed. Instituto Açoriano de Cultura)



17º COLÓQUIO DA LUSOFONIA LAGOA 2012



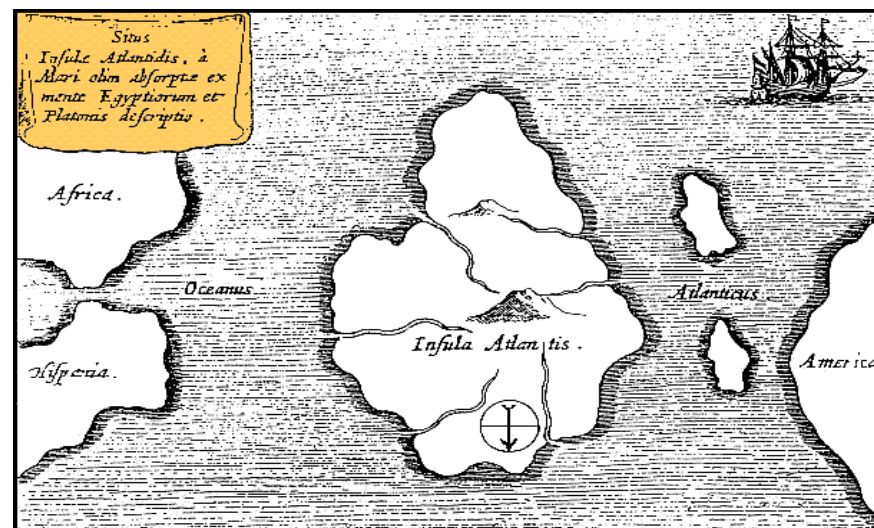






CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓ- FONOS, LÍNGUA E LITERA- TURA, DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



CADERNO Nº 12 Edição setembro 2011

DEDICADO A EDUÍNO DE JESUS

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL/Colóquios da Lusofonia (Chrys Chrystello EDITOU ESTE NÚMERO QUE
FOI REVISTO E CORRIGIDO PELO AUTOR)

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

**COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS
DA LUSOFONIA - revisto janeiro de 22**

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115